



Tomás Quental Mota Vieira

Simpático vendedor de pão e mula mesmo “mula”

O “diabo” da mula era mesmo “mula”. Se lhe dava para não andar, não andava mesmo: ficava com as enormes patas como que coladas ao chão. O simpático padeiro ou vendedor de pão - o senhor José Simas, mais conhecido por José “Rim-Rim” - desesperava, pois tinha que vender o pão que trazia de Vila Franca do Campo e tinha que chegar ao fim da freguesia de Ponta Garça, ou seja, até às Grotas Fundas, onde algumas famílias aguardavam também pelo precioso alimento.

Este padeiro ou vendedor de pão vinha num carro - não era propriamente uma carroça - com quatro rodas, puxado por uma enorme mula preta: toda ela era grande, da cabeça às patas, passando obviamente pelo corpo, com um pelo luzidio, às vezes molhado da transpiração, que puxar uma “mercadoria” daquelas desde Vila Franca do Campo não devia ser coisa para “brincar”, atravessando a Ribeira Seca e a Ribeira das Tainhas e chegando finalmente a Ponta Garça, quase sempre a subir.

Ou porque já vinha cansada ou porque era mesmo “mula”, ou ainda pelas duas razões, quando recebia ordens para parar obviamente parava - até certamente agradecia! -, mas quando era para andar novamente... às vezes não ia à “primeira”.

Parado o carro, feito em madeira e com algumas peças metálicas, José “Rim-Rim” saía de cima do seu lugar sentado, descia para o chão, vinha atrás e abria as duas portas da enorme caixa do pão, protegido por

um pano branco. Atendia as pessoas que queriam comprar, quase sempre mulheres, servindo o pão com uma pinça. E depois, quando era para seguir, às vezes era um problema: a mula, mesmo em frente da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Piedade - onde eu assistia a este então para mim divertido “espectáculo” do balcão da casa dos meus avós maternos -, parece que ficava a “rezar” ou a “meditar” na sua vida de intenso trabalho. Recebia ordens para se pôr em marcha, com um “anda mula” ou um toque no lombo com uma verdasca, mas fazia de conta que não era com ela. Não andava! “Esta mula é mesmo ‘mula’!”, dizia, irritado, o diligente vendedor, causando riso nas outras pessoas. Ele ainda fazia uma tentativa, dando água à mula com um recipiente que ia encher ao fontenário que existia no local e que foi lamentavelmente destruído, quando podia ter sido deslocado para outra zona da freguesia. Mas quase nunca a água resultava e a solução só podia ser uma: dava-lhe uma verdascada e, então sim, a mula lá se resolvia a andar, sabendo que o caminho ainda era longo.

Há cinquenta anos, num tempo de grandes dificuldades, algumas pessoas adquiriam o pão dando em troca batatas, milho ou feijão, produtos que eram colocados na parte superior do carro, pelo que a mula - coitada! -, se vinha para cima carregada, quando regressava a Vila Franca do Campo ia também carregada, mas - pronto! - era mais fácil, porque era quase sempre a descer.

O senhor José “Rim-Rim”, sempre muito educado e aseado, além de vender pão, também transportava no carro pequenas encomendas para entregar nas mercearias que eram clientes do armazém de atacado do senhor António Guilherme Francisco, mais conhecido por “cabo do mar”, que foi de facto no início da sua vida e que era o seu patrão, pois também era proprietário de uma padaria em Vila Franca do Campo.

Nessa altura, muitas famílias coziam pão em casa, mas muitas também recorriam ao “pão do carro”, como diziam. Eu também comi desse pão e posso dizer que era muito saboroso. Era um pão verdadeiro, aberto e estaladiço.

Recordo, pois, com saudade o senhor José “Rim-Rim” e a sua por vezes teimosa mula, que muitos quilómetros percorreu, durante muitos anos, para levar o pão de cada dia a várias freguesias periféricas de Vila Franca do Campo. Há pessoas que merecem uma homenagem, mas também há animais que merecem uma homenagem. Aqui fica, pois, uma dupla homenagem, merecida e justa, embora eu pretenda evidenciar, como é evidente, a memória do senhor José Simas, que ainda hoje, passadas dezenas de anos, é recordado com enorme saudade, simpatia e reconhecimento por muitos habitantes do concelho de Vila Franca do Campo, porque ele, de facto, mais do que um vendedor de pão, era um amigo de toda a gente. Fez da sua profissão uma missão de bem servir! Era outro tempo...



J. Chrys Chrystello*

Uma massa cinzenta de carneiros amestrados 3

Hoje em dia já não há debates, mas fachadas de pretensa discussão, veículos de propaganda governamental da democracia “guiada”. Este cinzento acéfalo e monocórdico da comunicação social foi enriquecido pelo aparecimento dessa droga legal chamada “imprensa cor-de-rosa”. É saporífera e causa danos irreversíveis à mente humana. Nenhum governo se atreve a legisla-la, proibi-la ou sancioná-la. Pelo contrário, encontram nela um valioso aliado na luta obscurantista em que estão empenhados, para que o povo pense que está a ser governado enquanto eles se governam. Resta o mundo de alguns blogues para se saber o que é de veras importante. Quando os políticos falam não são eles, mas sim as agências de comunicação e os grandes grupos que os sustentam.

Quer-se, teoricamente, um cidadão culto e educado, para ter a liberdade de fazer as suas opções em liberdade. Mas o que se criou foi um pateta manipulado. Pensa que vive em democracia e é livre, mas não passa de participante involuntário em fraudes democráticas. São esses os idiotas que votaram nos atuais, antecessores e nos sucessores. Os que se queixam de terem sido enganados. Como se diz em inglês “read my lips” ... O que o povo quer é ver as revistas com os escândalos dum falso jetset e duma falsa nobreza sem sangue-azul, só fama fácil. O que o bom povo quer é mortes,

violações, abusos, desgraças, inundações, incêndios, bombas, guerras e as tragédias longínquas, dos outros. As suas não lhe interessam.

O povinho (tão bem retratado por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, em imagens ainda hoje atuais) quer ver as vergonhas dos outros para que não vejam a sua. “É disto que o meu povo gosta” como diria Pedro Homem de Mello, embora se referisse ao folclore... Assim se explica que a maior parte dos bons jornalistas portugueses se encontra desempregada sem ser por opção ou por reforma antecipada. Não eram fabricantes de notícias sensacionalistas para abrir o teletornal, empolando banalidades em transmissões diretas do nada. Nunca o país viu aumentar tanto e em tão pouco tempo o fosso entre ricos e pobres como nestas últimas décadas. As pensões e reformas são das mais baixas da Europa, mas os Executivos portugueses ganham mais do que os seus milionários congéneres norte-americanos. Não se escreve sobre isto? Limitam-se todos a passar secretamente essas notícias em e-mails aos amigos.

O excesso de informação, desinformação e manipulação política acabam por condicionar o rebanho dócil dos que falam muito e se queixam ainda mais, mas pouco ou nada fazem. Sempre prontos a criticarem o governo e os outros sem perceberem que a verdadeira culpa radica neles. O país conti-

nua diariamente a gastar muito mais do que produz. A hipotecar-se sem construir ou criar algo de produtivo. Esta irresponsabilidade coletiva será paga pelas gerações futuras, hoje demasiado preocupadas na sua ignorância para se aperceberem de que a conta foi passada em seu nome coletivo. Mas ainda não chegámos lá.

De qualquer modo o que é que o homem e a mulher comuns podem fazer, além de falar alto no café e queixarem-se aos amigos e conhecidos? Mesmo que soubessem rabiscar umas ideias e quisessem escrever uns artigos, provavelmente não seriam publicados. Vive-se numa Ditadura dissimulada em que mesmo com 200 mil pessoas em manifestações de rua nada se consegue. O poder não treme nem pestaneja, coça-se como se estivesse a ser atacado por uma ridícula e inofensiva, mas irritante pulga. É essa a opinião dos governantes sobre o povo que manietam. Para quê denunciar escândalos? Raro é o dia em que um ou mais são denunciados nas redes da internet ou na rádio e televisão. A justiça, que sempre esteve ao lado dos poderosos, agora parece estar ao lado dos que mais roubam e lesam o país

*Presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia